



## LOOPS.LISBOA

Open Call Temps d'Images Artes Visuais – Cinema/Vídeo

Exposição dos seleccionados

Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado

Sala Sonae

Inauguração 14 de Outubro 2015 às 19 horas

15.10.2015 a 24.01.2016

Rua Serpa Pinto 4, 1200-444 Lisboa

Terça a domingo, 10h00 – 18h00

Sem o loop, não haveria nem o cinema nem a videoarte. A sua lógica cíclica e de repetição, que entrou para a História ao originalmente fazer da inércia movimento, atravessou séculos acompanhando as mais diversas formas de expressão. Dos dispositivos ópticos do pré-cinema (Phenakistoscope, Zootrope, Kinetoscope) à obra de Duchamp, ou da Pop Art a nomes que vão de Dan Graham e Martin Arnold a Harun Farocki, o loop demonstra uma invejável vitalidade enquanto elemento audiovisual essencial – e ainda em reinvenção.

Nesta edição inaugural do LOOPS.LISBOA, recebemos mais de uma centena de obras, representando uma riquíssima diversidade visual, concetual, performativa, narrativa e cinemática. E não sem dificuldade, foram escolhidos os finalistas entre inúmeras e excelentes propostas:

- **Cascade**, de João Pedro Fonseca
- **O Retrato de Ulisses** de João Cristóvão Leitão
- **TravelShot**, de Francisca Manuel e Elizabete Francisca

Três exemplos contemporâneos e representativos da revisão permanente que caracteriza esta unidade essencial da linguagem da imagem são apresentados no contexto do Festival Temps D'Images 2015, em mais uma parceria com o Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado.

Alisson Avila e Irit Batsry

## **O Retrato de Ulisses (2015)**

**João Cristóvão Leitão**



"O Retrato de Ulisses" é uma vertiginosa viagem pelo tempo e pela literatura. Uma viagem onde Ulisses se encontra enclausurado pelo mecanismo que é o loop, o qual opera a nível narrativo, a nível espaciotemporal (dada a utilização de um único plano-sequência) e a nível visual (mediante a reutilização constante do mesmo material imagético).

No fundo, "O Retrato de Ulisses" não é mais do que um questionamento sobre a identidade humana aquando do seu confronto com a possibilidade da circularidade do tempo e com as durações objectiva e subjectiva deste. Ulisses é Ulisses. No entanto, tal não significa que também não seja Cervantes, Pierre Menard, Alexandre Magno, César, Homero, Tchekhov, Nietzsche, Borges e, indubitavelmente, eu próprio.

Realização, som, montagem, produção e voz-off: João Cristóvão Leitão  
Textos (baseado em): Anton Chekhov, Friedrich Nietzsche e Jorge Luis Borges  
Com: Duarte Amaral Soares  
Assistência de realização: Marta Ribeiro  
Assistência de produção: Joana Peralta  
Pós-produção de imagem e assistência de montagem: Miguel Leitão  
Captação e pós-produção de voz-off: Manuel Ramos  
Tradução: Ana Pessanha

### **BIO**

É licenciado em Teatro (Dramaturgia) /Theatre and Performance Studies, pela ESTC (2009-2011) /University of Warwick (2011-2012). Actualmente, frequenta o último ano do mestrado em Arte Multimédia (Audiovisuais), na FBAUL. Foi bolseiro de um projecto de investigação do INET-MD: Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança (FCSH-UNL, 2010-2011); estagiou na Fundação Calouste Gulbenkian (2012); e foi júri no IndieLisboa (2015) e no FUSO (2015).

Enquanto criador, funda e integra o colectivo performativo 3.14 (2010-2012: a.casa-lar; bñan; One Night Stand: intervenção em 10 quartos; Não És Beckett, Não És Nada; e aqui); e, em 2012, integra, enquanto co-criador e videasta, o colectivo artístico SillySeason (RICARDO, DarkTourism, Palco Jurássico, Frei Luís de Sousa, T-REX, Panorama e Antígona).

Desenvolve, regularmente, projectos de vídeo arte, alguns dos quais foram exibidos a nível europeu e/ou premiados a nível nacional: José Ninguém, de Rodrigo Pereira (Jovens Criadores – secção de Vídeo, 2012); às vezes, penso que, se não te tivesse contado isto, não teria esta coisa (Prémio do Público – FUSO, 2013); O Retrato de Mónica (Prémio do Público – FUSO, 2014; Jovens Criadores – secção de Vídeo, 2014; e Prémio Jovem Realizador – Fundação INATEL, 2014); O Retrato de Irineu (Prémio do Júri/Aquisição FUSO/Fundação EDP, 2014); e Frei Luís de Sousa, do colectivo SillySeason (Prémio de Melhor Curta-Metragem Portuguesa – Queer Lisboa, 2014).

Colabora com a produtora de conteúdos audiovisuais Videolotion (Crês ser, 2015); foi, entre 2014 e 2015, professor assistente convidado (Oficina de Media) da licenciatura em Teatro (Actores) da ESTC; e, em Agosto de 2015, foi técnico de multimédia/audiovisuais, no âmbito do programa Residências Artísticas Belas-Artes Lisboa, na FBAUL.

## **Travel Shot (2015)**

### **Francisca Manuel e Elizabete Francisca**



Para além das imensas possibilidades de um espaço e daquilo que pode convocar ou sugerir, interessa-nos principalmente reflectir sobre a potência da acção, a potência do agir, a potência do que uma matéria (ou alguém) pode convocar e criar. Isso parece-nos ser o motor para a criação de uma outra realidade que contrapõe um estado das coisas: aparentemente paralisado e amenizado, existindo sob a forma de sedativo para acalmar a alma, os ânimos gerais e o poder do imaginar.

Pensamos... isto pode funcionar como se um espaço originalmente estivesse num limbo, à espera de receber um sentido, um sentido que se aproxima, na própria ideia de criar estados de existência. Esse estar e ser só pode existir num fluxo contínuo de informações que nos atravessam e trespassam. Somos feitos de memórias, factos, desejos, impulsos e de tudo aquilo que ainda não sabemos. Esse estar vital só é possível se transportarmos em nós aquilo que já foi e aquilo que será, num aqui e agora amplamente poroso e disponível. Uma permeabilidade no manuseamento do sentido das coisas é uma forma de ver. O espaço expande-se, e quando o tempo é múltiplo tudo pode acontecer. Talvez a isso possamos chamar escolha, numa contradição que há-de sempre escapar:

“If I was where I would be then I’ll be where I am not, would be, I am not” (*Katie Cruel*, Karen Dalton)

Criação: Elizabete Francisca e Francisca Manuel  
Realização, Imagem e Edição: Francisca Manuel  
Interpretação: Elizabete Francisca  
Pós-produção áudio: Paulo Machado  
Produção: Elizabete Francisca e Francisca Manuel  
Agradecimentos: Duarte Martins, Paula Pereira, Susana Batel

## **BIO**

Francisca Manuel  
(Figueira da Foz, 1984)  
Mestranda em Arte Multimédia pela FBAUL. Conclui o curso de Cinema/Imagem em movimento e Avançado de Artes Plásticas no Ar.Co em 2008, tendo frequentado o curso de Arquitetura entre 2002 e 2005.  
Desde 2006 que é autora de vídeos e colaboradora em projetos com artistas e arquitetos, entre eles Fiona Tan, Mariana Silva, José Adrião, Ricardo Carvalho + Joana Vilhena. Realizou o documentário *A Coragem de Lassie* (2009), sobre a artista Ana Jotta, tendo ganho o prémio internacional de melhor documentário sobre arte no New York Independent Film & Video Festival.

-----  
Elizabete Francisca nasce em Joanesburgo, África do Sul. Licenciada em Design Industrial (ESAD-CR), estudou dança no Fórum Dança (PEPCC) e na Escola Superior de Dança de Lisboa. Desde 2009 o seu trabalho tem-se centrado na interpretação e na criação na área das artes performativas, tendo participado em diversos projetos como colaboradora artística, bailarina, performer e atriz. Como intérprete e/ou como colaboradora artística destaca o trabalho com Vera Mantero (*Bons Sentimentos*, *Maus Sentimentos*, *Sub - Réptício Corpo Clandestino* e *Mais Pra Menos que Pra Mais*); com Ana Borralho & João Galante (*Sexy MF*, *I Put a Spell on You*, *Untitled Still Life*, *Art Piss on money and politics*, *Purgatório* e *Aqui estamos nós*); com Rita Natálio (*Não entendo e tenho medo de entender*, *o mundo assusta-me com os*

seus planetas e baratas); Loic Touzé (&Ocir c; Montagne, Around the Table); Tânia Carvalho (Icosahedron) e Mark Tompkins (Improvisações e Colaborações: Improvisação a partir de IN C de Terry Riley), entre outros. Em colaboração com Teresa Silva cria os duetos Leva a mão que eu levo o braço e Um Espanto Não Se Espera, ambos vencedores do concurso Jovens Criadores 2010/2011. Em 2013 cria o solo TSUNAMISMO, recital para duas cordas em M, com estreia na Culturgest, Lisboa. O seu trabalho como criadora e intérprete tem sido apresentado em diversos festivais entre França, Portugal, Espanha, Bélgica e Áustria. Atualmente é apoiada pela estrutura O Rumo do Fumo, de Vera Mantero.

## **Cascade (2015)**

**João Pedro Fonseca**



Esta obra não é apenas um loop mas uma peça que, através da repetição, entrega-se a uma forma de mudança. A memória da repetição estando ligada à iteração de uma ação num curto espaço de tempo é aqui contrariada pois a peça vive num longo questionamento temporal. Desta forma tende a não se mecanizar sob o exercício da repetição, e o espectador ao confrontar os loops deparar-se-á com certos detalhes de que não se tinha apercebido anteriormente.

É do bloco de pedra que nasce o ideal físico da perfeição onde o processo de remoção dá lugar à forma e com ele vem o reflexo do nosso imaginário, um espelho idealista da nossa carne. A criação e a sua ausência vivem sob a forma de poeira, que une este paralelismo antagónico, o elemento basilar para o decorrer da ação onde os corpos nascem e se compõem através dela. A impenetrabilidade dos corpos leva-os ao anulamento mútuo mas mantendo sempre a sua presença anímica, mesmo não vendo a sua verdadeira forma corpórea sabemos que está lá, pois, ao que antes fora apenas um bloco, ao longo da peça, atribuímos um rosto e uma identidade. E no espaço, o espectador, é apenas o testemunho de um fenómeno.

Realização: João Pedro Fonseca  
Mulher performer: Inês Apolinário  
Homem performer: Fábio Faustino  
Assistente: Maurício Santos

## **BIO**

João Pedro Fonseca nascido em 03/03/1990 cresceu em Lamego, estudou artes plásticas no secundário e na sua conclusão ingressou na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa no curso de pintura. Começou a ter um papel mais activo nas artes a partir de 2011 na área da ilustração, pintura digital e lives de vídeo art em concertos musicais com nomes como Mr. Herbert Quain, passou também a tratar da imagem do festival de música moderna: TRC Zigur Fest. Em 2015, decidiu abordar mais as artes plásticas, contando já com exposições no Videoformes Festival 2015, Montpellier, FRANÇA, Galeria da Faculdade de Arte de Campinas, 2015, BRASIL, Galeria Sede, 2015, São Paulo, BRASIL, Luxury Violence, 2015, Lamego, PORTUGAL e Mundos Alternativos 2015, Lisboa, PORTUGAL.

## CONDIÇÕES DA OPEN CALL

**Criadores-Alvo:** Criadores nacionais a residir em Portugal ou no estrangeiro e artistas estrangeiros com residência em Portugal.

### **Júri e seleção**

Um júri, presidido por Emília Tavares (MNAC – Museu do Chiado) elegerá o melhor vídeo.

A seleção prévia dos vídeos a concurso será da responsabilidade da artista visual Irit Batsry.

A seleção dos vídeos a concurso, bem como a atribuição do prémio, será da inteira responsabilidade do TEMPS D'IMAGES LISBOA. Das suas decisões não caberá recurso ou reclamação, sendo sempre e em qualquer circunstância inquestionáveis e definitivas.

O júri reserva-se o direito de não atribuir prémio se concluir pela inexistência de vídeos candidatos que preencham os requisitos de qualidade ou de conformidade com as exigências desta competição.

### **Prémios e Outras**

Valor de 2.000,00€ para o projecto vencedor de LOOPS.LISBOA

O vencedor será anunciado dia 12 de Janeiro de 2016

*Mais informações:*

<http://www.tempsdimages-portugal.com/2015/index.html>

[duplacena@duplacena.com](mailto:duplacena@duplacena.com)